

# NOTA OFICIAL DA CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

Na hora grave, gravíssima mesmo, que o país atravessa neste momento, a Confederação Geral do Trabalho, que — não é de mais repetir — não contribuiu absolutamente em nada para a actual situação política, procurou reagir contra a mais formidável reação que nestes últimos tempos se tem verificado em Portugal.

Em frente do militarismo que impõe o seu poder descrição e homicida a toda uma população absolutamente indefesa, o proletariado — lórga activa dentro dumha sociedade em decomposição — pretendeulegítima e activamente demarcar com clareza uma altitude de franca e aberta rebeldia contra o triunfo das forças retrógradas agora senhoras absolutas da situação.

Com o pronunciamento militar e logo que vierificou a sua orientação política declarou-se-lhe, hostil por ter previsto as suas consequências, inevitáveis por parte de quem, a tempo, poderia oferecer resistência, tendo previsto o desenlace, tornando público o seu aviso solene pela declaração da greve geral revolucionária em princípio contra a provável ditadura militar — resolução suspensa apenas por confiar em que essa solução política não se efectivaría — a Confederação Geral do Trabalho, em face dos acontecimentos de ontem resolveu de novo proclamar aquela greve, que sendo um protesto contra a invasão militar sóbre uma cidade em estado pacífico, seria também uma resistência à imposição dumha ditadura de força.

Mas a polícia interveio, e fê-lo antes de a população operária se poder dar conhecimento da sua resolução. Na hora em que as proclamações deveriam ser distribuídas à população do país foi a casa onde as mesmas foram impressas cercada e apreendida toda a edição.

A noite, quando o Conselho Confederal da C. G. T. estava reunido a apreciar a situação e disposto a tomar resoluções nesta emergência, foi a sede deste organismo envidada pela polícia, armada de carabinas, e intimidados os delegados a dissolver a reunião e abandonar a sede.

A Confederação Geral do Trabalho ficou desde modo privado de comunicar ao proletariado, as suas decisões e este procedeu, portanto, como se tal resolução não houvesse sido tomada, ficando este organismo igualmente impossibilitado de tomar as medidas que as circunstâncias do momento requeriam.

Consumiu-se, portanto, uma arbitrariedade, que se justifica uma medida de defesa por parte dos senhores da situação, também significa o inicio da repressão contra as manifestações, humanas e justissimas, da liberdade e do progresso social.

A Confederação Geral do Trabalho não se queixa. Este organismo reconhece, uma vez mais, que só vence, não quem tem razão, mas quem dispõe da força e da mesma usa e abusa.

Mas a C. G. T. declarou que, a pesar das violências, não desarma, não desarma. Organismo existente como expressão das necessidades de luta e de reivindicação proletária, ela é também uma manifestação que está integrada no espírito próprio da evolução no terreno económico social. A C. G. T. não existe para atender a um capricho de partido ou de seita; existe, vive, viverá e hárde triunfar a pesar e por cima de todas as violências de quem, seja um partido ou uma classe, que disponha do Poder e use sido despotismo encapotado.

Que o proletariado esteja atento!

Que nem um só operário, cioso da sua dignidade e da sua liberdade, consciente dos seus direitos e regalias, deixe de vigiar a obra reaccionária dos senhores da situação política e saiba corresponder, com energia, com decisão, com fé e entusiasmo aos convites da C. G. T.

Abaixa a reacção!

Abaixa a ditadura!

Viva a liberdade!

Lisboa, 18 de Junho de 1926.

A. C. G. T.

## Um cruzeiro científico

Dizem da Arcada:

“Também o governo italiano, comunicou que está sendo preparado um cruzeiro, com fins científicos e experimentais, sob a direção do coronel Francesco de Penedo, o hidro-avião italiano Dernier Marina, sendo capitão-piloto o capitão engenheiro Carlo do Preto, que tenciona fazer escala por Lisboa, Horta e Ilha das Flores, no próximo mês de Agosto, pedindo para serem concedidas as facilidades que é de uso.

Foram já dadas as ordens para serem concedidas todas as facilidades tanto aos navios como ao hidro-avião.”

A normalidade nos ministérios

Informam da arcada:

Retomou, ontem, a normalidade o serviço nas repartições ministeriais, comparecendo os funcionários. Nos ministérios do interior e da guerra não era livre a entrada. A Arcada esteve durante o dia frequentemente patrulhada por forças do exército e da guarda republicana, principalmente do lado ocidental.

Contra todas as ditaduras, civis ou militares, impostas em nome dum falso e traçoeiro conceito de regeneração nacional;

Contra a imposição dum política favorável às “coteries” da finança, do comércio, da indústria e da agricultura, que mantêm todo um povo na sujeição às suas negregadas ambições de riqueza, pelo exercício de um domínio absoluto no terreno económico;

Contra uma política reaccionária e ultramontana de envilecimento popular, pela promulgação de medidas governamentais que permitem o recrudescimento do fanatismo das massas ignorantes;

Contra a infiltração efectiva e crescente do ensino religioso nas escolas, deformando os sentimentos infantis e desviando, torcendo e deprimindo os cérebros frágiles das crianças, criando eunucos, castrados

Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa

## NOTA OFICIAL

Em conformidade com as resoluções da Confederação Geral do Trabalho, resultantes de factores de ordem ponderável, a Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa resolveu suspender a greve geral nesta localidade.

Reconhecendo, porém, a Câmara Sindical do Trabalho, bem como a C. G. T., que os motivos que originaram a declaração da greve geral não desapareceram, o Comité Revolucionário de Defesa Social aconselha o proletariado de Lisboa a conservar-se atento as resoluções da C. S. T. e C. G. T., preparando-se para, oportunamente, se lançar num movimento nacional verdadeiramente energético, disposto a não permitir que as liberdades e regalias lhe sejam arrebatadas pelas garras aduncas do capitalismo e da reação.

O Comité Revolucionário de Defesa Social

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluído o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00.

SÁBADO, 19 DE JUNHO DE 1926

## A FOME EM CABO VERDE

### Se não forem entregues à província os quatro mil contos que lhe pertencem, dentro de pouco tempo assistiremos a uma nova tragédia

Cabo Verde, aquela tristíssima província que de 1920 a 1922 viu o seu solo juncado de 15.000 cadáveres, caminha para o mais trágico dos precipícios.

A falta de chuvas que ultimamente se tem feito sentir trouxe para os pobres nativos a mais negra das perspectivas.

Dentro de algumas semanas, se providências não forem tomadas, Cabo Verde será um imenso cemitério dos seus infortunados habitantes.

A fome, de fauces hiatas, espreita os milhares de nativos da vasta região.

Se exceptuarmos as ilhas: Cidade da Praia, São Tiago e Santo Antão, na restante província nada se cultiva.

Os campos apresentam um aspecto desolador. A sua aridez deixa um negro futuro.

De Cabo Verde há neste momento apenas uma coisa a esperar: a morte pela fome dos seus habitantes.

Em alguns pontos da província lançou-se mão de um recurso: a abertura de vários trabalhos públicos.

Grande número de operários empregam-se nesses trabalhos dos quais auferem alguns tristes escudos com que fazem face à perigosa e desastrosa condição de vida.

Em Cabo Verde, que neste momento vive do que importa, a vida é torturante. Por muito que se ganhe não é possível vencer-se as exigências da vida.

Mas mesmo esses trabalhos, que amenizam o sofrimento dos desempregados, estão na iminência de paralisar. Em Cabo Verde não há recursos financeiros para se conservarem

esses trabalhos. Por isso é mister mandar para ali dinheiro se não quizerem, dentro de algumas semanas, registar mais uma terrível hecatombe. É dizer: se o governo não enviar para aquela província recursos os seus habitantes morrerão de fome.

Para o fazer o governo não precisa de onerar o tesouro. A província pertence 8.000 contos, que já foram pagos pelas taxas em trânsito dos cabos submarinos. Como os Correios e Telégrafos cobram 50% sobre essas taxas, a província deve ser entregues 4.000 contos.

A solução não pode ser outra. Cabo Verde não pode sobreviver aos efeitos da fome.

O governo não tem sequer o direito de abandonar a triste destino a sorte dos caboverdeanos, quanto mais lopuletar-se com os 4.000 contos que pertencem à provincial.

Seria uma monstruosidade revoltagem da parte dos poderes constituidos um silêncio sobre a sorte de Cabo Verde, quando ela é neste momento bastante delicada e de uma gravidade que obriga a todas as atenções.

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje pelas 21 horas o Conselho Confederal.

Emigrantes em bicha

MONTREAL, 18. — Três mil residentes britânicos aguardam o começo do novo fiscal, que principia no dia 1 de Julho, que permitirá a sua entrada nos Estados Unidos. A proporção de emigrantes admitidos no presente ano está esgotada. A proporção britânica para o novo ano é de 34.000, dos quais serão admitidos 10%, em cada mês. — (H.)

## O encerramento das Escolas Primárias Superiores causou um grande prejuízo às classes trabalhadoras

afirma-o à "Batalha" a professora D. Maria Gomes de Sousa

A vontade militar, iriadamente, secamente, pregados de escritórios comerciais. Matricularam-se cerca de 60 alunos.

“E, a pesar de todos os esforços enviados, o curso não funcionou porque o Estado com uma injustificável avareza lhe negou uma verba modestíssima para luz e calor.

“A má vontade havida foi tão grande que nem se lhes concedia material escolar. Para que ele existisse foi necessário que os professores se subscressem.

“O decreto que as extinguiu não tem considerações. E os ‘considerandos’ eram indispensáveis, visto que tendo-se, por meio dele, acabado com todas as Escolas Primárias Superiores, proclamaram a sua noviciada ou, pelo menos, a sua inutilidade.

“Serão nocivos, serão inúteis os estabelecimentos de ensino encerrados de afogadilho por um decreto lacônico?

“Embora sobre isso tenhamos já em tempo formado a nossa opinião, resolvemos ouvir alguém que, pela sua competência, possa exprimir com a indispensável autoridade profissional uma opinião concreta.

“Pessoas amiga nos indicou a sr. D. Maria Gomes de Sousa, professora e vogal do conselho administrativo das Escolas Primárias Superiores, que se prestou, amavelmente, a expor-nos com clareza e em frases sintéticas a sua opinião.

Foi deste teor a primeira interrogação que formulámos:

— O objectivo principal das Escolas Primárias Superiores?

Resposta incisiva:

— Formaram-se para efectivar a preparação, para a vida prática, das classes pobres, e, consentâneas com o fim que alvejavam, as matrículas eram insufisamente gravosas.

— De modo que a sua supressão...

— ...constitui, na minha opinião, a negação, pura e simples, do direito à instrução para as classes pobres, que ficarão reduzidas ao que aprenderam nas escolas primárias gerais.

— Os cursos liceais são, como sabe, inacessíveis aos operários, por serem dispendiosíssimos e têm, além disso, um carácter mais literário do que prático?

— É tem cumprido o seu objectivo?

— Inteiramente, não, e por razões que lhe passo a expor. Quero, porém, apontar como uma das causas principais das classes que não tem cumprido a má vontade, a guerra surda que lhes tem sido movida de vários lados.

— Do Terreiro do Paço.

— Sim também do Terreiro do Paço, onde por vezes a perseguição a essas escolas era o mot-d'ordre do ministério da instrução.

— A má vontade vindas daqueles lados se nos não quebrou todos os esforços e não assassinou toda a energia — porque existem nas referidas escolas criaturas que lhes são devotadas até ao fanatismo.

— Se quizesse exemplificar...

— De bom grado. Na Escola Primária João de Deus quis formar-se um curso prático, e nocturno, para habilitação do pessoal de serviços ferroviários e de em-

## Influência da Educação na vida psicológica do homem

Disse Tolstoi que «o homem responsável não pode viver sómente para o seu corpo. Não pode viver assim, porque, sabendo que é uma individualidade e que os outros, tal como él, são também individualidades, conhece o resultado destas entre si».

Porque é enorme e importante, a soma das responsabilidades que temos na felicidade dos nossos filhos, na tranquilidade da família, no progresso da sociedade e no aperfeiçoamento da raça, deve merecer a todos nós primordial atenção o assunto que me propuse versar ante tão ilustrada assistência.

Os variadíssimos problemas que gravitam em torno do problema magnifico da Educação deviam ser a preocupação constante não só dos dirigentes, mas também do educador — no lar e fora do lar.

Não se trata apenas de conservar a vida vegetativa da criança, da sua alimentação, do seu vestuário, do seu conforto, para cuja satisfação se recorre frequentes vezes — e quase nunca em vão — à caridade pública.

A cultura do espírito e a formação do carácter desses pequeninos séries — que são a continuação do passado e a perpetuação do futuro — deve merecer tanto a nossa atenção quanto a alimentação do seu corpo.

E que não devemos só proteção à criança, devemos-lhe também respeito. Se ela revela tendências criminosas, temos o grande dever de modificar o seu temperamento, eliminando-as ou, pelo menos, corriginhas.

Como? Educando!

Se nos dilacerar ver um pequenacho estomado, que, de olhos humidos, nos impõe «um bocadinho de pão» com maozita descarnada, não nos deve comover menos um miserável homem, vítima da sua doença e da sua própria ignorância, sem disposição nem qualidades para o trabalho, incapaz de sustentar-se a si e à sua prole, outros entes sem pão. Se nos comove até às lágrimas a dor e o sofrimento logo no alvorecer de uma vida, qual botão de rosa carbonizado pelos vermes, não menos nos deve confranger a preocupaçao do vício e do crime nesses malfadados seres para quem apenas existe o mal através de tudo que vêm e o cerca.

Abra-se maternidades, creches e asilos, mas abram-se também jardins-escolas e escolas infantis. Fechem-se as tabernas, as casas de jogo e os lupanares, mas abram-se escolas nocturnas para os adultos, promovam-se conferências, educate-se o povo — essa grande criança que ri e chora com o próprio sofrimento, que vibra em todas as gamas da escala da dor, que se estorce entre as garras do monstro que o aperta, o sufoca, o mirra: a ignorância!

O povo! Mas quem é o povo, meus señores?

Somos todos nós! Não é só a classe proletária que, por ser menos abastada, sofre mais. Perdeu-se já o rolar dos tempos a diferença entre os três estados que constituem a nação: clero, nobreza e povo. Desapareceu também já o conceito errôneo de que só certas camadas sociais deviam ter a mercê da instrução. A educação, a instrução — que vulgarmente se designa por «alimentação do espírito» — é tão necessária aos ricos como aos menos abastados. Se assim não fôr, um povo rico seria um povo feio. Mero absurdo! Serão, porventura, os ricos, mais venturoses que os pobres? Puro engano! Não são os recursos materiais que nos distinguem uns dos outros, mas sim a educação moral e intelectual. E tanto para lamentar o ignorante como o esfomeado. Este sofre as contracções do estômago, aqueles as contracções do meio social, que também o comprimem nas duas partes do desdém. O progenitor de filhos sãos, pobre, muito embora, é mais feliz do que o

...em fim, qualquer pessoa. Nós não devemos também ter medidas energéticas? Usaremos de todas para garantir a vida do próximo.

O processo sumário?

Vamos a ver... É necessária a intervenção militar nos destinos do país. Estabelece-se a ditadura, e agora vamos trabalhar até onde puder ser. A República jogou a sua última cartada!...

### Os bem intencionados...

Monárquicos integralistas que adoram à República

Transcrevemos do jornal *A Noite*:

Um político monárquico, de relevo, esclareceu-nos quanto à notícia vindia a público de que certos elementos realistas vão ingressar na República. Achamos excelente que assim seja, desde que os anime a ideia sincera de servir o regime. Vimo-lo dizer, desde o alvorecer do nosso partido.

Perguntámos ao político, em questão:

Entre esses monárquicos há nomes dignos de registo especial?

—Há. Os srs. Martinho Nobre de Melo, Pequito Rebelo, Reis Torgal e Hipólito Raposo, por exemplo.

—Pelo que vemos, integralistas.

Todos, São realmente os integralistas os novos aderentes. Mas nem todos seguem esta orientação política.

—E constitucionalistas?

—Ao que parece nenhum seguirá este caminho; pelo menos não tenho indícios disso.

O sr. Martinho Nobre de Melo vai justificar numa conferência pública, a sua recente atitude.

Estas adesões recordam-nos o instinto pecular das corujas que vão instalar-se nos telhados das casas onde agoniza um moribundo.

Lembra-nos também, não sabemos a que propósito, que Augusto Gomes teve necessidade de afirmar a sua amizade por Maria Alves —a-fim-de poder, com mais facilidade e impunidade, estrangulá-la.

**A atitude do chefe da União Liberal Republicana**

Passamos a reproduzir a carta que o sr. Cunha Leal endereçou ao comandante Cabeças, quando este já tinha sido irradiado do governo que chefiava pelos seus mais graduados companheiros da revolução que, sem um único tiro, expulsou do poder o governo de António Maria da Silva, pelo facto deste exercer uma ditadura —o que é contrário ao espírito rasgadamente liberal da população do país. É um documento bastante claro e expressivo:

*Meu caro Cabeças*

*Lisboa, 17-6-926 (às 12 horas).*

Como vencedor, o senhor não me interessava; mas como vencido, ou prestes a sé-lo, interessa-me sobremaneira.

A calúnia, que rasteja sempre nesta terra, fez de mim o seu inspirador político nestes últimos tempos.

Melhor do que ninguém sabe o Cabeças que isto não é verdade e que, pelo contrário, desconde de quaisquer dos seus actos políticos, e da sua quasi timidez em se acercar de amigos que, com certeza, se fôssem ouvidos, se esqueceriam dos seus interesses partidários, para só se lembrarem dos interesses da Pátria e da República, servidos por si.

Sucedeu, porém, que neste momento pretendem, meu caro Cabeças, alijá-lo pela violência. E, instintivamente, eu sinte que a si está agarrada qualquer coisa da própria República.

Menos do que a minha inteligência, fala em mim o próprio instinto. Como republicano tenho, pois, o Dever de o aconselhar, agorá e publicamente.

O senhor não tem o direito de se deixar vencer e prender, como qualquer pobre diabo.

O senhor é o portador de uma *Idea*, e as *Ideas* são de uma tirania devoradora e exigeente.

Se tudo conspira contra si, ainda assim, o seu dever é resistir.

Se se encontrar sózinho —e só se encontrará se o quizer— ainda assim o seu Dever é resistir.

Que o sintam todos os republicanos que, porventura, o deixaram abandonado.

Só assim o Cabeças passará a ser um símbolo.

Por que lhe dou este conselho, venho oferecer-me para ficar a seu lado até ao fim.

Fui capitão do Exército Português, mas hoje já não sei, nem quero comandar soldados.

Sei, em todo o caso, ser um soldado, e um soldado que não deserta do seu posto, mercê de Deus.

Utilize esse soldado:

E' meu direito pedir-lhe isto e é seu dever aceitá-lo.

Sei que não triunfa mas descanso que, se vencer, nada lhe pedirei.

Mande as suas ordens para o jornal *A Noite* até à tarde. E, durante a noite, dé-me as suas ordens para o Avenida Palace, aonde os esbirros do sr. Filomeno da Câmara me poderão encontrar, se o Cabeças não quiser utilizar os meus serviços.

Abraço-o enternecidamente o seu

muito amigo e obrigado

*Cunha Leal*

P. S.—Vou publicar esta carta.—C. L.

Passamos a reproduzir a carta em que o mesmo político pede ao general Gomes da Costa a sua demissão do oficial do exército:

*Ex-m. Sr. ministro da Guerra: Francisco Pinto da Cunha Leal ocupa no exército português o posto de capitão da arma de engenharia.*

Está na situação de licença ilimitada.

Tendo reconhecido que o exército, neste momento, é vítima de intrigas políticas, contra as quais é ineficaz a ação do requerente, e não desejando, por isso, continuar a pertencer aos quadros do exército, atentas as condições em que este hoje se encontra, respeitosamente pede a V. Ex.º se digne conceder-lhe a sua demissão de oficial.

*Lisboa, 17 de Junho de 1926, (a) Francisco Pinto da Cunha Leal.*

### A suspensão de garantias

Segundo informações de fonte oficial, continua o estado de sítio e a suspensão de garantias determinada pelo general Gomes da Costa. Contudo, o trânsito nas ruas é livre, dia e noite.

### A atitude dos socialistas

A Confederação Nacional do Partido Socialista Português, a propósito dos últimos acontecimentos políticos, mantém a sua nota de I do corrente, entendendo que não tem a alterar na atitude que a mesma define. Recomenda a todos os seus filiados que se abstêm de corresponder a quaisquer sugestões, partam de onde partirem, que os levem a assumir atitudes que possam reflec-

### A CRÍSE POLÍTICA EM FRANÇA

#### As tentativas do sr. Herriot

PARIS, 18.—O sr. Doumergue encarregou o sr. Herriot de formar o novo gabinete, o que foi aceito em princípio, ficando o sr. Herriot de dar esta noite a resposta definitiva.

O sr. Herriot vai procurar saber se encontrará nos partidos do centro o necessário apoio, contando com o apoio dos socialistas mediante certas concessões.

O sr. Herriot parece ter obtido a adesão do sr. Bokanowski para a pasta das finanças, citando-se como possíveis ministros os srs. Flandin, Golrat, Le Troquer e Leygues. —(L.)

#### As palavras do sr. Poincaré

PARIS, 18.—O sr. Poincaré conferenciou esta manhã com o sr. Briand, que reconheceu as suas consultas para a formação do novo ministério, depois da recusa do sr. Bokanowski para a pasta das finanças, citando-se como possíveis ministros os srs. Flandin, Golrat, Le Troquer e Leygues. —(L.)

#### A renúncia do sr. Briand

PARIS, 18.—Tendo os radicais-sociais deliberado por unanimidade, excepto o voto do sr. Franklin Bouillon e algumas abstenções, que o sr. Herriot declinasse a entrada num gabinete do qual não seria o presidente, o presidente da câmara comunicou ao sr. Briand a recusa da sua colaboração.

Interrogado pelos jornalistas, à saída da conferência, o sr. Poincaré recusou-se a fazer qualquer declaração. —(L.)

**Desportos**

#### Futebol

Realizam-se amanhã, no campo de jogos do Operário Foot-Bal, os seguintes desfiles:

—A's 10 horas, Operário Foot-Bal Club, contra Asilo D. Maria Pia Sport Club, em 3.ª categoria; às 12 horas, Operário Foot-Bal Club, contra Sporting C. Intendente, em 2.ª categoria; às 14 horas, Sporting Club Intendente contra S. C. Recreativo da Pena em 1.ª categoria, às 16 horas, Victoria Foot-Ball Club em 2.ª categoria, contra a 1.ª categoria do União Almadaense, para disputa da taça Alvaro Cisneiros; às 18 horas, Operário Foot-Ball Club contra Carcavelinhos Foot-Ball Club em 1.ª categoria, para disputa da taça Joaquim de Matos. —(L.)

#### Uma viagem áerea

PARIS, 18.—O grande piloto Elan Cobain espera iniciar o seu voo à Austrália na próxima semana. —(L.)

#### O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folbeto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1.00.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

#### A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckino. Preço 1.50.

**Uma grande festa de ginastas**

PRAGA, 17.—A grande festa federal dos ginastas tchecoslovacos será inaugurada em 28 de Junho, sendo aguardados para nela participarem delegações dos países eslavos e de várias nações. Esta festa, quererá um carácter imponente, durará até ao dia 6 de Julho, e será para a Tchecoslováquia o que eram as olimpíadas para Áte-

nas. —(H.)

**De Tóquio a Copenhague**

PEQUIN, 18.—O aviador Dinamarquês Botved, regressando de Tóquio a Copenhague, chegou ontem de manhã a Han-

cu. —(L.)

**Irridentismo bélico**

SANTIAGO DO CHILE, 18.—O governo delibera recuperar militarmente o território contestado das províncias de Tacha e Arica. —(L.)

**Por ver as barbas do vizinho a arder**

BRUXELAS, 18.—Os proprietários das minas concederam um aumento de cinco por cento nos salários dos mineiros, estando assim afastado o perigo da greve que os segundos ameaçavam declarar. —(L.)

**Ler a revista gráfica RENOVACAO**

Do estatuto confederal

**CAPITULO I**

**DOS OBJECTIVOS**

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

O objectivo fundamental é a liberdade autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;

2.º Desenvolver, fora de toda a escola política e doutrina religiosa, a capacidade do operário organizado para a luta pelo desaparecimento do sacerdote e do patronato, e posse de todos os meios de produção;

3.º Manter as mais estreitas relações de solidariedade com as Centrais dos outros países, para a defesa dum povo comum de inteligência, que concura os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressora e exploradora do capitalismo.

tir-se no P. S. P., sem consulta dos Corpos directivos e que aguardem a realização do próximo Congresso Partidário, onde se fixará publicamente o pensamento dos socialistas sobre a actual crise política na-

ção.

**Várias notícias**

Os revolucionários de Almada embarcam já para a metrópole, a bordo do vapor Lima. —\*

O general Correia Barreto foi substituído, no cargo de director da Arsenal do Exército, pelo coronel Guilherme Gonçaga. —\*

O general Roberto Baptista, comandante da 3.ª divisão, comunicou ao ministro da Guerra que tanto as unidades que estão sob as suas ordens como a G. N. R. e a Guarda Fiscal daquela cidade se mantêm ao lado

### A RELIGIÃO CATÓLICA

Quem, a princípio, examinar essa seita nefasta que compreende a religião católica, parece encontrar-lhe algo de razão na vontade que tem de predominar nos povos; isto, devido à complexidade das suas doutrinas, estrutura e mitologia de que está revestida; mas, mesmo sem sermos cultos e não conhecermos as várias origens que lhe são atribuídas, chegamos com relativa facilidade à conclusão de que se há tantos séculos tem conseguido dominar nos povos, é devido —e só a isso— a basear-se na ignorância dos mesmos povos.

E' como diz o filósofo: «as religiões são como os filámpatos; precisam das trevas para dar luz».

Hoje, como há quinhentos, como há mil anos, os homens (?) de roupa só têm em mira fabricar ignorantes, para poderem sobrepor-se à nova purificação que tem em vista exterminá-los. Felizmente, já se constata da parte daqueles que eram (e são) explorados por padres e capitalistas, os laços de revolta —que mais se intensificaria se esses que são contra os *fariseus de roupa* se agrupassem, e, como um só homem, fizessem guerra sem quartel, impedindo que suas companheiras e seus filhos frequentem esse antro de prostituição moral e material que é a igreja.

Só impedir que os entes que nos são queridos vão a esse antro da noite, não basta. É necessário conferências onde se derrame luz a jorros, onde se repõem os propagadores da escravidão e submissão dos pequenos perante o capital, a virem expor as suas falsas doutrinas para serem combatidas com argumentos sólidos fornecidos pela ciência, cujos cultores levam vidas inteiras a lutar para que a humanidade se liberte das peias com que a têm manietado.

As classes laboriosas são aquelas que mais têm que combater esses missionários da mentira, porque é precisamente nos seus lares que elas pretendem entrar para estabelecer a confusão incitando as esposas a desrespeitarem os maridos, deixando-se guiar pelas suas artimanhas dizendo-lhes que só elas garantem a salvação».

Infelizmente, ainda se encontra uma grande parte de trabalhadores arrancados à tradição dos dogmas católicos, sem quererem ver que os defensores de tais dogmas só uma coisa têm em vista: pregar o respeito ao rico embora este seja um tratante, um estúpido; fazendo por esquecer as doutrinas de Cristo nas quais dizem bascular-se a religião que propagam, quando essas doutrinas sublimes são a negação absoluta da nefasta propaganda que esses corvos negros incluem as massas.

Cristo disse: «não vos importeis com o dia de amanhã, que o vosso pai olhará por vós». —«Quem me quizer seguir abandone todas as honrarias, todas as riquezas». —«É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que salvar-se um rico».

E' como vêdes, o autor de tais maximas é vilmente insultado por esses que invocam, para lançar na miséria e na ignorância as massas operárias.

Já vistes esses falsos cristãos não olharem pelo dia de amanhã? Já vistes os que vivem à custa do trabalho, doutrinarem abandonarem as riquezas que têm acumulado, embora se digam fiéis cristãos?

## AGENDA

CALENDARIO DE JUNHO

D.	6	3	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5.12
T.	8	15	22	29	Desaparece às 20.4
Q.	9	16	23	30	IASES DA LUZA
Q.	10	17	24	1. C. dia 27 às 24.49	
S.	11	18	25	Q.M. 28 às 3.59	
S.	12	19	26	L.N. 29 às 22.55	
S.	13	20	27	C.C. 30 às 17.48	

## MARES DE HOJE

Fratamar às 9.28 e às 10.01

Baixamar às 2.26 e às 2.58

## CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9475	
Madrid cheque	3815	
Paris, cheque...	556	
Suiça, "	378	
Bruxelas cheque	557	
New-York, "	1955	
Amsterdão "	785	
Itália, cheque ...	71.5	
Brasil, "	305	
Praga, "	558	
Suecia, cheque	524	
Austria, cheque	277	
Berlim,	456	

## ESPECTÁCULOS

TEATROS São Luis.—A's 21. — «O Homem das 5 Horas.»

Papo Séco.

Gimnasio.—A's 21, 25.—«O celebre Pinas.

Apollo.—A's 21, 25.—«O Santo António.»

Trindade.—A's 21.—«C'est Paris.»

Elen.—As 20.45 e 22.45.—«Fox-Trot.»

Belen.—A's 21, 25.—«Dr. da Muerte Rua.»

Século XXI.—A's 21.—Variedades.

Cinema Clivicente (A Graça)—Espectáculos às 3.45

2.º sábados e domingos com matinée.

Lembrado Parque—Todas as noites. Concertos : versões.

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Ter-

resse—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança

—Tortoise—Cine Paris.

PEDRAS "METAL AUER"

PARA ISQUEIROS

VENDEM-SE NO LATTA, DO LARGO

DO CONDE BARÃO, 55

Duzia \$40; 100, \$280; mil, 25000

Pedra grande, duzia, \$80

LIMAS NACIONAIS

São grande fabrica de Limas

dando largas e finas

ainda hojearas consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que

os limas portuguesas

Touros—Lima—Lima

MARCAS REGISTADAS

Union Tome Poteira, Ltd.,

e qualidade com as melhores

experiências, temos limas das 3.º

especies de ferramenta para

MELINA

É O MELHOR

MATA FORMIGAS

A venda em toda a parte

DEPÓSITO GERAL:

Fernandes Almeida &amp; C.º, Limit.

Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º—Lisboa

Telefone C. 2422

Agentes no Funchal

ELMANO S. GOMES

R. do Coronel Cunha, n.º 53

BOTAS

CALÇADO A PREÇO DE REVENDA

SECÇÃO DE CHAPELARIA

Tudo barato

Sapatos para senhora desde.....

45000

Botas para homem em vitela preta

desde.....

50500

Botas para homem forma da moda

côr ou preta.....

75800

Sapatos verniz senhora a.....

60500

Sapatos crepe célio última moda.....

\$

Grande quantidade e variedade de

calçado de crianças.

Grande stock de sandálias.

Dá-se um brinde, a quem comprar

nesta casa e apresente este anúncio.

Ver os preços de sensação nas nos-

sas montras.

SAPATARIA BRASIL

206, Rua da Madalena, 212

nhã começo a ter conferências com bispos, alora os

que já ontém mandei chamar. A esperança que tenho

de vos ver àmanhã dispensa-me de ser mais extenso.

Domingo hei-de dar o salto mortal.... Adeus, querida

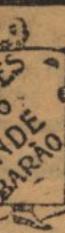
do meu coração, vinde cedo àmanhã, pois me parece

que há já um ano que vos não vejo. Beijo mil vezes

as belas mãos do meu anjo, o colo e a boca da minha

querida amante!

São Dinis, 23 de Julho de 1593.



## FATOS completos e sobretudos

em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde

129\$00

Calças desde 35\$00

Grande sortido de fatos e sobretudos, feitos e por medida batim em fios para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

## CONSELHO TÉCNICO

IDA

## CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as províncias.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Carreira do Combro, 38-A, 2.º

## Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Nar-

ciso, A's 8 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10

horas.

Peles e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às

8 horas.

Doenças nervosas—electroterapia—Dr. R. Loff-

8 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Garganta, nariz e ovidos—Dr. Mário Oliveira—12

horas.

Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—5

horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emílio Paiva—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12

horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5

horas.

Dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Câncer e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Reio X—Dr. Alen Salomão—4 horas.

Análises—Dr. Gabriel Bratto—4 horas.

Policlínica do Rato

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.º

TELEF. N. 1.200

Dr. Júlio Gonçalves—Boca e dentes, às

10 horas.

Dr. António Monteiro—Clínica geral,

senhoras e crianças, às 11 horas.

Dr. Lourenço Raimundo—Rins e vias

urinárias, às 13 horas.

Dr. António Fernandes—Medicina geral

e doenças nervosas, às 15 horas.

Dr. João Saraiva—Doenças dos olhos, às 15 horas.

Dr. João de Morais Sarmento—Ginecologia

e operações, às 16 horas.

Dr. Raival Saavedra—Pele, sifilis e pul-

mões, às 17 horas.

Dr. Tavares do Couto—Garganta, nariz e ovidos, às 15 horas.

Edições de "A Sementeira"

Práticas neo-matusianas.....

\$50

O sentido em que somos anarquistas.....

\$30

A peste religiosa.....

\$40

A Liberdade.....

\$50

A Internacional (música e letra).....

\$30

Pedidos à A BATALHA

ou no Cais do Sodré, 82

A CURA DAS DOENÇAS PELA

PLANTAS, livro útil ás boas donas de

casa. Preço 2800; pelo correio, 2550.

Pedidos à administração de A Batalha

do interesse político, censuraram a nova apostasia do

bearnez, graças à qual ele pôde entrar em Paris, ainda

# A BATALHA

A Confederação Geral do Trabalho fez suspender a greve geral



## Esbôco biográfico de Miguel Bakunine, por Max Netlau

Em Berlim tinha visto em 1840 a sua irmã Bárbara que regressava da Itália e que havia estado à cabeceira do leito de morte de Stankevitsch. Ali e em Dresden foram-lhe o seu irmão mais novo e Ivan Turgueniev os seus mais íntimos companheiros. Rompeu então os laços com a Rússia e lançou-se na emigração, no destino, com completa consciência. O governo russo vigiava a sua evolução radical e desejava a sua volta de Dresden à Rússia. Não ocorreu a Bakunine curvar-se e decidiu-se rapidamente por um passo decisivo, dirigindo-se à Suíça, (Janeiro de 1843) a Zurich, com o poeta alemão mais conhecido de então, Georg Herwegh.

Herwegh regressou a Zurich, um ponto central da propaganda literária-política-revolucionária destinada à Alemanha, para onde, também, ao finalizar a primavera de 1843, transferiu a sua actividade da Suíça francesa, o comunista alemão Wilhelm Weitling.

Bakunine via de perto, durante a sua residência em Zurich, (16 de Janeiro até princípios de Junho) a vida política do canto de Zurich e teve ocasião de perder todas as suas ilusões político-republicanas, se assim tinha ainda. Pelo contacto pessoal com Weitling deitou um olhar também ao comunismo, que apareceu como um factor geral revolucionário, mas que não pôde nunca aceitá-lo por completo, muito embora então e nos anos seguintes até 1843 tivesse amistosas relações na Suíça e em Paris com alguns comunistas alemães e ocasionalmente ele mesmo se chamou comunista (em uma carta a Reinhold Solger, 14 de Outubro de 1844; algumas cartas a este, a August Becker e a senhora Vogt, até 1847, fazem conhecer mais detalhadamente essas condições).

### Bakunine na Suíça

Duas declarações suas, então publicadas, são: *B. & R.* (Bakunine a Ruge, datada Peterinsel no lago de Biel, maio de 1843) *Deutsch-französische Jahrbücher* (Paris, 1844) e vários artigos, *Der Kommunismus no Schweizerischen Republikaner* (Zurich, 2, 6 e 13 de junho de 1843, firmados XXX). Ecreio que há um artigo de Bakunine em

### Uma conquista operária

GENEBRA, 18.—Pela conferência internacional de trabalho foi aprovado o novo regulamento sobre o dia de oito horas de trabalho a bordo dos navios. —(L.)

N.R.—Os trabalhadores do mar e dos portos veem há longos meses empenhando-se numa luta que tinha a finalidade de conseguir o regime de oito horas de trabalho normal para todos os serviços da marinha mercante. A reivindicação operária era clamada em quase todos os países possuidores de marinha de comércio. Em vários desses países, principalmente em França, a reivindicação revestia-se de aspectos conflitantes, tendo-se declarado inúmeras greves, das quais a maior parte não obteve triunfo, embora as derrotas nunca tivessem sido desastrosas. E tanto assim era que a reivindicação dos trabalhadores marítimos colocava diante da burguesia um problema econômico bastante grave. O reconhecimento ora feito pela Repartição Internacional do Trabalho, onde se defende melhor os interesses burgueses que os da força das classes operárias. Não representa este reconhecimento uma vitória, mas o reconhecimento tácito de um princípio que só os trabalhadores podem fazer triunfar definitivamente.

### O preço da carne

Tendo sido publicado num jornal da tarde que a Comissão de Serviço de Abastecimento de Carnes tinha alterado o quantitativo de \$100 para \$60 na redução de preço da carne de vaca, pedem-nos para esclarecer que não só se mantém o abatimento de \$100, como foi resolvido que, a partir do dia 24, a redução do preço fosse de mais \$60 em cada quilograma, sendo a diferença para menos, no custo da carne de vaca, de \$60 e não de \$60, como se afirmava no aludido jornal.

### Um industrial-carrasco impõe um regime odioso aos operários

Aos corpos gerentes do Sindicato Único Metalúrgico de Lisboa foi presente uma reclamação contra o industrial José Rodrigues Estevão, que possui uma oficina na ruia Luis de Camões, a Santo Amaro.

Este industrial exerce uma perseguição afrontosa sobre os operários que tenham o seu destino de trabalharem na sua oficina.

De há tempos, o industrial-carrasco refiou os seus maus instintos, talvez confiado dos desastrosos efeitos de uma longa crise de trabalho.

Sempre que lhe aprás, o carrasco Rodrigues intime os operários da sua casa a fazer serões, pagando-lhe apenas metade do salário devido. E quando os operários se recusam, são imediatamente despedidos, como ultimamente aconteceu a três serraleiros.

Aos aprendizes, que façam serões, pagam-lhe o salário à hora, forçando-os ainda a trabalhar aos domingos sem lhes pagar salário extraordinário nem o tempo que vá além das oito horas normais.

Se qualquer aprendiz, porque se aborreça de tão odiosa exploração, falta ao trabalho de domingo, o carrasco castiga-o, primeiramente, com oito dias de suspensão e, à segunda falta, despede-o. Tal é o procedimento deste verdugo.

Para él, nada existe, nem leis, nem regulamentos, nem direitos, a respeitar. O regime imposto aos aprendizes, além de outras consequências odiosas, impede-os de frequentar as escolas que lhes possam ministrar a indispensável educação.

### Um aviador em Pequim

PEQUIM, 16.—O aviador francês Pelleter d'Oisy, que está realizando a viagem París-Teóquio, chegou a Pequim esta manhã. (II.)

### NO PORTO

## Em torno da 3.ª divisão tem-se criado uma atmosfera de suspeição e de reaccionarismo

PORTO, 17.—Aparentemente, o Porto parece que se tinha tranquilizado. Mas essa calma espiritual que parecia ter sobrevivido às grandes tempestades do movimento militarista, alterou-se novamente—porque os boatos, alguns aterradores, novamente também voltaram a circular com certa insistência.

O que presentemente se está passando na capital do dorte, com a intriga militar que se vem observando, faz recordar ao espírito público aqueles negregados momentos que precederam a não menos negregada proclamação, traiçoeiramente preparada por uma oficialidade militar retrógrada, da célebre monarquia do Monte Pedral...

A analogia histórica é duma flagrância bem visível. Só os demasiadamente ingênuos é que não poderão avaliar o confronto. Então igualmente se fazia em juntas militares a agirem misteriosamente por detrás da cortina. Então também se desmentia, para desvirtuar a atenção pública, a constituição das mesas juntas.

Mas elas existiram, mas elas operaram, mas elas vieram a dar o coiceiro golpe que nos atirou para a selvageria da traumática no norte e para a tragédia de Monsanto, no sul.

Há ou não há juntas militares a conspirarem activamente? Há ou não há divergências na 3.ª divisão? São as perguntas insistentes que se fazem a cada passo. Por um lado desmente-se, pelo outro confirma-se.

Pode o novo chefe da divisão andar pelos quartéis a «acentuar que o movimento militar terminaria, triunfante»; pode continuar a dizer que «nada justificava um crepitante de agitação latente depois da constituição do governo, de que fazem parte os chefes supremos do movimento»; pode ainda pretender sossegar-nos com a sua afirmação de que tudo quanto se diz em relação às citadas juntas ou comités militares é fruto apenas duma intriga...

Dissemos na última crônica que o mestre Inocéncio Camacho, além de um prejuízo de \$80 contos que deu ao desgraçado Banco Comercial do Porto num célebre empréstimo ruinoso, ferrou um cão de 300 contos em letras que não podem ser protestadas por estarem fora da lei.

Assim é, desgraçadamente. Esta história das letras é muito complicada. Há rolos e rolos deles que dormem eternamente no sóno dos justos. Há-de acabar por ir para o cesto dos papéis, que é arrumação mais limpa e radical... Pois ele não há letras, segundo o nosso detective, que, contra o especificado no regulamento do Banco, dá o máximo de prazo do um ano—só lá para as proximidades do ano de 1930 é que elas poderão ser vencidas? Aquilo era uma administração à larga... e o sol quando nasce é para todos, excepto para aqueles que, andando a ganhá-lo por terras estranhas, caíram na patete de ir colocar o seu risco dinheirolhão à ordem ou em primitivas de uma autêntica caverna de

## O famoso escândalo do Banco Comercial do Porto

### Continuam à solta e com a impunidade assegurada os famosos burlões que provocaram a sua falência

PORTO, 17.—Os «homens» do desgraçado Banco Comercial do Porto ficaram, devido à última crônica sobre os burlões daquele estabelecimento em ruínas, mais sorumbáticos ainda. Ah! aquela *Batalha!* Se lhe pudéssemos amordazar a voz!

Felizmente, não possuem a mínima possibilidade de fazer calor a voz da justiça que tão necessário é que ela ecoe retumbante por todo o país. E como estamos na presença de um governo, saído dumha invergação militar, que aos quatro ventos afirma que vai moralizar tudo isto e castigar todos os ladrões civis e militares, quer sejam ilustrados como o Inocéncio, quer sejam analfabetos como o famoso «marquês da Aduela», ou seja Marquês de Sá—não podemos deixar de dar mais alguns apontamentos para a história ocarbolesca do falido Banco Comercial do Porto.

A propósito do analfabetismo do «marquês da Aduela», seja-nos permitido esclarecer que aquele «fidalgo» se tem rido, ufaniamente, por ter levado à «bebida, à cerveja», os finípios, ludibriando os letrados, os que-tem curso, os doutores—ele que não sabe ler... Realmente, por este lado, o Marquês de Sá foi um grande herói, heróismo que deve, no tribunal do ajuste de contas, ser levado à conta de uma exceção! Perdido por cinco, perdido por dez, eis a filosofia popular...

No entanto, o Banco não perdeu tudo com aquele cliente. Do mal, o menos. E assim pensando, o Joaquim Morais Júnior deu, muito generosamente, como garantia um armazém de Vila Nova de Gaia, o qual, tendo-lhe custado 90.000\$00, foi avaliado pela antiga direcção do infeliz Banco Comercial do Porto em 1.000 contos! E para melhor operação financeiro-comercial, esse mesmo armazém foi depois liquidado por... 100 contos... 1.600 contos por 100 contos, não se pode dizer que é caro...

E foi assim, caros ingénuos, que se atirou com o Banco Comercial do Porto de pernas para o ar; e foi assim que muitíssima gente da classe trabalhadora ficou roubada nos seus vintens, ganhos lá fora com bastantes sacrifícios para os ir derreter nas promissórias e no «à ordem...» daquele que já mudou muito pelas gerências do citado e malogrado Banco...

Todavia, os criminosos, os autênticos burlões, os genuínos gatunos da alta estirpe alfabetica e analfabetica, lá continuam a insultar as vítimas com as suas corridas de automóveis *chics* através a cidade—como se fôssem as criaturas mais honradas deste mundo—mais honradas do que as porcas de Murca... E mais estamos num regime militar de moralização e de justiça... Que faria então se não estivéssemos...

Mas o resto fica para outra carta. Temos tempo... C. V. S.

### No Jardim Zoológico

#### Realiza-se amanhã um festival promovido pela Liga dos Amigos dos Hospitais

A Liga dos Amigos dos Hospitais e a Direcção do Jardim estão evidenciando todos os esforços para que os festeiros de amanhã que se realizam no magnífico parque das Laranjeiras constituam uma exibições atracção para o povo da capital. Assim, além do concerto pelas melhores bandas, e que deve ter lugar dos 15 às 18 horas, haverá também distribuição de flores a todos os visitantes e uma infinidade de bailes de variados círculos oferecidos pelas casas Grandela Lda. e Alsaciana Lda., a todos os pequenos visitantes a quem além disso são proporcionados vários divertimentos como os carros puxados por pôneis, burros etc.

Terá também o público ocasião de ver o novo hipopótamo que está já vivendo na melhor harmonia com a sua companheira Venus.

A Companhia Carris de Ferro de Lisboa estabelecerá carreiras consecutivas para o Jardim e para o concurso Hípico Internacional que no mesmo dia se realiza na Estrada de Palhafra também em benefício da mesma Liga.

E portanto, de esperar uma enorme concorrência a estes dois festeiros que foram organizados com o maior cuidado para que público ali acorrer de pôr bem empregado o seu tempo.

Para maior comodidade a Direcção do Jardim Zoológico estabelecerá maior número de bilhetes, fazendo-se a entrada por vários portões e não sendo aumentado o preço dos bilhetes que será o habitual.

#### Foi abolido o uso da espada no corpo de bombeiros

Por se considerar injustificável e prejudicial o uso da espada no corpo de bombeiros, a comissão executiva da Câmara Municipal determinou que fosse abolido o uso da espada no Corpo Municipal de Salvamento Pública, bombeiros Municipais de Lisboa, e seu corpo auxiliar Bombeiros Voluntários da Cidade de Lisboa, a qual será substituída por um machado cujo desenho e tipo fica a cargo do Comando do Corpo Municipal de Salvamento Pública, Bombeiros Municipais de Lisboa.

Não admira: é que os da cruzada Nun'Alvares mexem os seus cordelinhos. Reúnidos para apreciar a situação política...

Enfim, o desgraçado militar é visível—até nas funções dos cargos civis da polícia e do chefe civil-militar do distrito: as demissões prosseguem e o preenchimento das vagas dificultam-se...

Estranha-se também que os oficiais da guarnição nos primeiros momentos da revolta militar de Braga estivessem metidos na concha e agora, depois do triunfo, estejam a deitar os corninhos aos sol com exigências... de retrocesso.

Não admira: é que os da cruzada Nun'Alvares mexem os seus cordelinhos. Reúnidos para apreciar a situação política...

Respondendo a lord Newton, que considera tal remessa como uma flagrante interferência nos assuntos internos ingleses, lord Balfour declarou que o governo russo é uma complexa instituição, muito dividida mas altamente organizada e centralizada, de forma a permitir todas as desculpas.

Lord Balfour afirmou: «A Rússia tem o absoluto direito de se governar conforme entender».

Prossesguindo, fez notar que a Inglaterra e o país que mais tem sofrido com a organização soviética da Rússia, pois os bolcheviques a consideram o principal obstáculo à revolução mundial.

Lord Balfour exprimiu grandes dividas de que o dinheiro tenha sido contribuído pelos próprios operários, de salários muito inferiores aos dos seus camaradas britânicos, além de que não seria fácil reunir em tão pequeno espaço de tempo a soma de 400.000 libras, devendo o governo dos sôvietes ter contribuído com uma grande soma, no seu intuito de promover a revolução na Inglaterra.

Lord Balfour afirmou que se encontrava convencido de que a grande maioria dos mineiros não tem intuios revolucionários.

— No Banco do Hospital de S. José, foi pensado e seguiu depois, para casa, José Fernandes, de 54 anos, natural de Santa-Rita, carroceiro, rua Rodrigues Faria, 18 loja, que, no Intendente, caiu de um carro elétrico, ficando ferido na cabeça.

— No mesmo Banco do Hospital de S. José, foi pensado e seguiu depois, para casa, Silvério Melo e Albuquerque, de 27 anos, natural de Lisboa, carroceiro, morador na rua da Praça Marquês de Pombal, pela mesma forma por que o fez na Avenida da República e Campo Grande, aperfeiçoando-a ainda se tal fosse possível: de maneira a tornar mais eficiente o pavimento de accão sem que resulte desse aperfeiçoamento um custo unitário superior ao das aplicações já feitas no pavimento de outras artérias.

— Na enfermaria de S. Francisco do Hospital de S. José, den entrada António Pinto da Fonseca, de 41 anos, condutor da Companhia do Estoril, morador na rua da Praça da Pólvora, que caiu de um combóio, em Belém, ficando muito contuso pelo corpo.

— No Banco do Hospital de S. José, foi pensado e seguiu depois, para casa, José Fernandes, de 54 anos, natural de Santa-Rita, carroceiro, rua Rodrigues Faria, 18 loja, que, no Intendente, caiu de um carro elétrico, ficando ferido na cabeça.

— No mesmo Banco do Hospital de S. José, foi pensado e seguiu depois, para casa, Silvério Melo e Albuquerque, de 27 anos, natural de Lisboa, carroceiro, morador na rua da Praça Marquês de Pombal, pela mesma forma por que o fez na Avenida da República e Campo Grande, atermos tempo...

— No mesmo Banco do Hospital de S. José, foi pensado e seguiu depois, para casa, António Simões, de 25 anos, natural de Anadia, empregado no comércio, residente na rua da Praça Marquês de Pombal, 39, 3.º, que foi agredido no largo D. João da Câmera, ficando ferido na cabeça.

— No Banco do Hospital de S. José, foi pensado e seguiu depois, para casa, António Simões, de 25 anos, natural de Anadia, empregado no comércio, residente na rua da Praça Marquês de Pombal, 39, 3.º, que foi agredido no largo D. João da Câmera, ficando ferido na cabeça.

— No Banco do Hospital de S. José, foi pensado e seguiu depois, para casa, António Simões, de 25 anos, natural de Anadia, empregado no comércio, residente na rua da Praça Marquês de Pombal, 39, 3.º, que foi agredido no largo D. João da Câmera, ficando ferido na cabeça.

— No Banco do Hospital de S. José, foi pensado e seguiu depois, para casa, António Simões, de 25 anos, natural de Anadia, empregado no comércio, residente na rua da Praça Marquês de Pombal, 39, 3.º, que foi agredido no largo D. João da Câmera, ficando ferido na cabeça.

— No Banco do Hospital de S. José, foi pensado e seguiu depois, para casa, António Simões, de 25 anos, natural de Anadia, empregado no comércio, residente na rua da Praça Marquês de Pombal, 39, 3.º, que foi agredido no largo D. João da Câmera, ficando ferido na cabeça.

— No Banco do Hospital de S. José, foi pensado e seguiu depois, para casa, António Simões, de 25 anos, natural de Anadia, empregado no comércio, residente na rua da Praça Marquês de Pombal, 39, 3.º, que foi agredido no largo D. João da Câmera, ficando ferido na cabeça.

— No Banco do Hospital de S. José, foi pensado e seguiu depois, para casa, António Simões, de 25 anos, natural de Anadia, empregado no comércio, residente na rua